

## **A festa foi linda.**

Era verão, mas uma chuva fina caía sobre Porto Alegre. Uma garoa, daquelas que costumamos ver no inverno do Rio Grande do Sul, molhava a multidão que se reunia nos arredores da Prefeitura Municipal e do Mercado Público, centro histórico da cidade.

Existe em frente à Prefeitura um edifício chamado União. É um dos prédios mais altos daquela região. No telhado, um militante da juventude do MDB, seu apelido era “Magro Miguel” preparava os foguetes, e enquanto distribuía os fogos pelo telhado, gritava lá de cima para os amigos:

– Eu vou explodir Porto Alegre!!!

Eu tinha 22 anos, apesar da idade já me considerava experimentada militante.

Meu interesse por política começou muito cedo, em 1974, aos 12 anos já havia distribuído *santinhos* na esquina de casa pela eleição de Paulo Brossard ao Senado, aos 14 já era filiada à juventude, mal havia feito 18 e me filiei ao MDB.

Então, em 1985, havia enfrentado parte da luta contra a ditadura, feito passeatas pela anistia e pelas liberdades democráticas, visto gente voltar do exílio, a reforma partidária, perdi e ganhei eleições, era fiscal, ia de casa em casa pedindo votos (sim, naqueles idos dos 1980 as pessoas abriam as portas e nos ouviam com gentileza, salvo raras exceções). Chorei a derrota da Emenda Dante de Oliveira, a das “Diretas Já”.

Fui para as ruas com a campanha de Tancredo Neves como se não existisse colégio eleitoral, como se pudesse influir, votar, ganhar votos. Se fechar os olhos posso me escutar no meio da multidão de jovens gritando “Vai acabar, vai acabar a ditadura militar”, “A luta continua, o povo tá na rua”, “Abaixo a repressão” e aí vinha uma chuva de impropérios gritados com uma boa dose de raiva misturada à alegria de estar fazendo alguma coisa importante.

Venho de família engajada politicamente, meus pais se conheceram através do movimento estudantil, tiveram amigos presos, cassados e exilados; mais de uma vez pairaram ameaças de cassação sobre meu pai, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, havíamos visitado Brizola no exílio, a militância era algo incentivado, fazia parte de nosso cotidiano, apesar das constantes recriminações dos avós, muitas vezes com razão.

Naquele dia da eleição de Tancredo, para a jovem de 22 anos que eu era, eleger Tancredo era vital.

A cidade parou, ninguém falava sobre outra coisa.

Acordei cedo, fui para a rua de bandeira, camiseta e uma esperança imensa: nós mudaríamos o Brasil.

Aos poucos a praça foi sendo tomada por gente vinda de todos os cantos da cidade, era uma mistura de cores, velhos, jovens, gente humildemente vestida, homens de terno e gravata, donas de casa com adesivos colados no peito. Espalharam-se em frente à Prefeitura, pelas ruas laterais, a avenida Borges de Medeiros. O centro virou um imenso comício com gente vestida de amarelo, levando adesivos e bandeiras, sorrindo, gritando palavras de ordem.

Havia muitas bancas de bebida e comida, do refrigerante à cachaça com rótulo que dizia “Muda Brasil!!!”.

Quando começou a sessão do colégio eleitoral fez-se um silêncio que eu nunca tinha presenciado em meio a multidões, todos atentos, alguns rezando, outros segurando com força terços, santinhos, bandeiras, toda sorte de amuletos, as pessoas dirigiam suas energias, suas crenças, sua fé para um único pedido: eleger Tancredo Presidente do Brasil.

Começou a votação, a cada voto em Tancredo era uma explosão de alegria, a cada voto em Maluf uma vaia estrondosa.

Todos tinham os olhos fixos num telão, os ouvidos colados a radinhos de pilha; não esqueçamos de que falo de um tempo em que a internet era ficção científica.

Entre gritos de “Viva o Brasil!”, “Tancredo!”, veio o voto decisivo.

Tancredo estava eleito.

Magro Miguel cumpriu a promessa, o foguetório foi ouvido por toda a cidade, algumas telhas quebraram...

Chovia mais forte, eu estava com muitos amigos e companheiros de militância embaixo da marquise do edifício União. Um deles me pegou no colo e girou comigo no meio da chuva que se misturou ao riso e ao choro. Foguetes explodindo, papel picado... Desconhecidos se abraçavam, o hino nacional foi cantado e de novo cantado e o samba Vai Passar, de Chico Buarque, tocava. Foi bonito, foi marcante, ficou gravado como se fosse na pele.

Depois de muita dança, muitos chopes, encontros, subi a Borges de Medeiros a pé para casa; naquele dia eu queria abraçar o mundo.

No caminho, encontrei uma companheira de todas as lutas do MDB, Nicéa Brasil, militante do Partido desde sempre, fomos conversando e em algum momento ela me disse com voz firme e olhos marejados:

- Esperei muito tempo por este dia; em 1964, subi a Borges com medo e chorando depois de rasgar as fichas dos poucos voluntários que haviam se inscrito para resistir ao golpe, eles tinham vencido, o Jango já estava derrotado. Hoje, estou de alma lavada.

Segui para casa, minha mãe abriu a porta, ela me abraçou forte e disse:

- Acabou, eles perderam, eu ainda nem acredito direito; pronto, acabou.

Choramos juntas, abraçadas, sob o olhar da vó.

Já se passaram 40 anos, foi ontem, foi um dia feliz.

Depoimento Evelise Neves (Léia) – curadora do Acervo Digital.